



Bullying, assédio e desafios urgentes à saúde mental nas escolas: reflexões a partir do estágio supervisionado

Iara Nascimento Costa¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ/FEBF

Resumo. A partir de reflexões feitas com o Estágio Supervisionado no Município de Belford Roxo, o propósito do presente trabalho foi de evidenciar alguns desafios levantados no Ensino Fundamental II. Temas como *bullying*, assédio e saúde mental foram constantemente observados na vivência do espaço escolar e, por isso, escolhidos para abordagem, sendo relacionados com as dificuldades que os professores têm enfrentado dentro da sala de aula para cumprirem com o seu ofício, com o objetivo de realizar uma educação efetivamente emancipadora.

Palavras-chave: Saúde Mental; Bullying; Assédio; Estágio.

**BULLYING, HARASSMENT AND URGENT MENTAL HEALTH CHALLENGES IN SCHOOLS:
REFLECTIONS FROM THE SUPERVISED INTERNSHIP**

Abstract. From reflections made with the Supervised Internship in the Municipality of Belford Roxo, the purpose of the present work was to highlight some challenges raised in Elementary School II. Topics such as bullying, harassment and mental health were constantly observed in the experience of the school space and, therefore, chosen for approach being related to the difficulties that teachers have faced within the classroom to fulfill their work, with the objective of carry out an effectively emancipating education.

Keywords: Mental Health; Bullying; Harassment; Supervised Internship.

**INTIMIDACIÓN, ACOSO Y DESAFÍOS URGENTES DE SALUD MENTAL EN LAS ESCUELAS:
REFLEXIONES DESDE LA PASANTÍA SUPERVISADA**

Resumen. A partir de reflexiones realizadas con la Práctica Supervisada en el Municipio de Belford Roxo, el propósito del presente trabajo fue resaltar algunos desafíos suscitados en la Escuela Básica II. Temas como el bullying, el acoso y la

¹ Licencianda em Geografia na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense/UERJ. E-mail: iaranascimento1208@gmail.com. ORCID 0000-0002-3722-9314



salud mental fueron observados constantemente en la experiencia del espacio escolar y, por lo tanto, elegidos para su abordaje por estar relacionados con las dificultades que han enfrentado los docentes dentro del aula para cumplir con su labor, con el objetivo de realizar una una educación efectivamente emancipadora.

Palabras clave: Salud Mental; Bullying; el Acoso; Pasantía Supervisada



“Rodar bolsinha” ou Docência?

O papel fundamental do estágio docente é preparar professores em formação para a realidade da sala de aula. Durante a minha preparação fiquei exposta a acontecimentos que marcaram minha formação e em cada turma que acompanhei, em uma escola do Município de Belford Roxo, houve uma peculiaridade que me impactou.

Na turma 264, que se refere ao 6º ano, presenciei o relato de automutilação de uma aluna, que aqui será nomeada como “N”. O caso dela surgiu durante um tempo livre na sala dos professores, entre a troca das turmas.

A aluna em questão estava com a orientadora pedagógica implorando para que a mesma não ligasse para o seu responsável. Logo após a saída da aluna da sala dos professores a orientadora explicou que ela é criada por sua avó, além disso, foi exposto que ela seria um “caso perdido”, pois já se cortou várias vezes para “chamar atenção” da avó e da escola.

Essa situação me marcou de uma forma inexplicável já que uma criança de 12 anos estava sendo tratada como só mais um caso. Claro que não é função direta e exclusiva da escola de cuidar de situações como essa, mas defendemos que a escola deveria/deve criar um vínculo de cuidado emocional com os jovens que estão ali. Devemos sempre lembrar enquanto professores que nossos alunos são seres em formação e que, atualmente, os mesmos ficam expostos a muito mais riscos, hoje, principalmente por conta da internet.

Dentre esses riscos está o *bullying* que foi pauta na turma 265. Infelizmente, ainda hoje o *bullying* é mascarado dentro da sala de aula. Nessa turma foi identificado um aluno com o apelido de “JJ” que é extremamente extrovertido, brincalhão e que de certa forma se acha o “dono” da sala de aula. Tudo isso é superdimensionado, pois ele tem amigos que apoiam suas atitudes e ainda o gravam fazendo essas “brincadeiras” – o uso de aparelhos telefônicos na sala de aula é proibido, entretanto não existe nenhum tipo de fiscalização dentro da escola que assegure o não uso do mesmo.

Em certa aula, o aluno em questão estava mais “brincalhão” do que o normal e começou a dar apelidos aos colegas de classe, entretanto a situação ficou pior quando os apelidos passaram a ser pejorativos e os outros alunos

passaram a ficar incomodados. Assim, para contornar a situação a professora C. chamou a atenção do estudante e teve uma conversa com a turma sobre o assunto, apontando que apelidos não devem ser dados.

Após o acontecido a professora evidenciou que nós, os estagiários, enquanto futuros docentes, devemos sempre chamar os nossos alunos pelo primeiro nome e nunca chamar por apelidos ou sequer diminutivos do seu nome, mesmo que grande parte da turma o faça, como exemplo: devemos chamar o nosso aluno de Felipe, não de Felipinho, mesmo que o último nome seja mais conhecido. Ficou evidente, portanto, que podemos ser professores brincalhões e amigos da nossa turma, mas não podemos deixar de lado a presença e respeito dentro da sala de aula.

Em uma turma do oitavo ano que acompanhei uma aluna logo me abordou e disse que eu seria assediada por algum aluno do 9º ano. Isso me chocou, pois ela tratou o assédio de conotação sexual, o qual pode alterar o estado emocional da vítima, como algo banal, e com isso vieram algumas questões em mente. A banalização do assédio ou algum tipo de violência dentro do ambiente escolar por parte dos discentes, indicaria que o assédio não é trabalhado dentro dessa escola como problemática. Compreendo que se a discussão fosse feita, as alunas teriam um olhar mais crítico sobre a temática, já que mesmo “brincando”, as mesmas poderiam entender a gravidade do assunto.

A trajetória no ambiente escolar é árdua tanto para o corpo direcional da instituição de ensino, quanto para os docentes. Enquanto membro da comunidade escolar, os professores também ficam expostos a brincadeiras e ofensas dos alunos.

No mesmo dia do ocorrido do *bullying* com os apelidos no sexto ano, enquanto estagiária fui alvo de uma das brincadeiras ofensivas do estudante JJ. O aluno virou em minha direção e perguntou se era isso mesmo que eu desejava para a minha vida, ser professora. Sem me deixar dar uma resposta conclusiva, o mesmo disse que eu deveria “rodar bolsinha” na rodoviária próxima à escola, que assim eu teria um salário bem melhor e não ganharia

apenas R\$ 600,00 (seiscentos reais), e para completar afirmou que dessa forma eu não teria que lidar com os alunos.

Esse ocorrido trouxe um grande impacto para o meu estágio: a não valorização do docente está presente dentro da sala de aula também. Além disso, posso constatar que no momento do ocorrido fiquei sem reação prévia, mas o respondi de maneira objetiva para “cortar” a “brincadeira”.

No caso relatado acima se demonstra como as relações de poder se fazem presentes dentro da sala de aula, pois, muitos alunos usam desse mecanismo de violência para se defender e para manter um lugar de destaque na escola como um todo. Especialistas afirmam que o *bullying* ocorre em contextos “interacionais dinâmicos” (SALMIVALLI, et al., 1996), ou seja, envolvem as crianças de maneira diferente. Dessa forma, surgem muitos papéis de participação no bullying escolar, dentre os quais há as vítimas, os agressores, as vítimas-agressoras e os espectadores. Contudo, cada um desses papéis ainda pode se subdividir em perfis, segundo as características que os tipificam (ZEQUINÃO, 2016, pág.183)

Especialistas afirmam que o *bullying* está caracterizado pela discriminação da diferença, pela expressão de supremacia do poder sobre o outro e pela falta de respeito e solidariedade para com o próximo. Entende-se aqui que enquanto docentes devemos lidar com essas situações, a partir de meios de combate ao *bullying*, que são a conscientização e o diálogo. Ademais, devemos propor que as escolas estimulem conversas familiares, campanhas de conscientização nas escolas e orientações dos profissionais da educação com os estudantes a fim de combater essa prática.

Entretanto, sabe-se que este não é o único desafio dentro da sala de aula, existem outras pautas a serem debatidas tais como as elencadas durante este registro: automutilação e assédio. Existe uma gama de problemáticas sociais que perpassam o ambiente escolar. Mas tendo por base a frase de Nelson Mandela: “A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”, e levando em consideração os tempos perversos que se vive atualmente no cenário brasileiro educacional, devemos acreditar que a melhor ferramenta para combater a perversidade é a educação.

A emergência de um tema de reflexão a partir da experiência de estágio: Saúde mental na escola

A questão levantada para redigir essa reflexão foi influenciada a partir de um acontecimento no estágio supervisionado em geografia, quando a aluna “N” é tratada como um “caso perdido” pela escola. Esse acontecido juntamente com as falas da orientadora sensibilizaram-me a investigar um pouco mais essa temática.

De acordo com a OMS (Organização Mundial de Saúde) depreende-se que a saúde mental não possui uma definição oficial como conceito. O termo se refere ao modo como a pessoa se relaciona com a forma de viver, seja ela a partir das exigências, dos desafios e das mudanças presentes durante o decorrer da sua vida, isso tudo relacionado com o modo de articular com suas ideias e emoções. Estamos expostos às emoções todos os dias, sejam elas boas ou ruins, entretanto, a forma que lidamos com nossos sentimentos é o que irá determinar a qualidade da nossa saúde mental. Informações como essas podem ser encontradas na internet, em sites de hospitais e instituições que se preocupam com a causa.

Para a OMS, o período da adolescência está localizado dos 10 aos 19 anos de idade, sendo subdividido em fase inicial (dos 10 aos 14 anos) e fase final (dos 15 aos 19 anos). Entretanto, a adolescência se transforma de acordo com as mudanças da sociedade onde deve ocorrer a evolução na estrutura do pensamento, na forma como o indivíduo compreende seu contexto social, em meio às pressões advindas deste mesmo contexto.

Esse processo complexo da adolescência também é compreendido como um período vulnerável para o desenvolvimento de problemas relacionados à saúde mental. A juventude ainda encontra grandes obstáculos em seu caminho, pois muitos se preocupam em trabalhar e estudar, fora os problemas como: estresse, brigas, doenças e prazos a cumprir. Diversos são os fatores que podem influenciar negativamente a nossa saúde mental. A partir disso, devemos pensar na influência do ambiente escolar para a construção social e

nos mecanismos de preservar a saúde mental da criança/do jovem, já que é na escola que este ser passa mais da metade do seu dia.

Na adolescência, quando ocorrem transformações corporais, a procura pela identidade própria, a separação das presenças maternas e paternas e uma exposição muito maior ao mundo externo, todas essas situações são redimensionadas. E tudo vem sendo potencializado a partir do advento da tecnologia, assim como ocorreu no ano de 2017 com o Jogo da "Baleia Azul", que levou muitos jovens a se suicidarem ao finalizarem as atividades propostas. Outro exemplo é a série "Os 13 porquês" que causou um aumento significativo dos índices de suicídio jovem no Brasil. O fenômeno de reprodução suicida é conhecido pelos médicos como "efeito *Werther*".

Diante desse quadro, conforme Estanislau e Bressan (2014) indicam, a escola tem papel fundamental de orientar seus estudantes, juntamente com o apoio familiar.

As doenças mentais são compreendidas como transtornos da trajetória da vida, que evoluem a partir de alterações do neurodesenvolvimento e que manifestam seus primeiros sinais na infância. Tal perspectiva enfatiza o papel da escola, pois longe de tratar apenas da questão do aprendizado, os professores e a família possuem condição privilegiada, pois desde que se tornou obrigatória para todas as crianças e jovens brasileiros, esse ambiente passou a ser um local privilegiado de grande concentração de estimulação longitudinal e de grande impacto sobre todos os aspectos da vida. (ESTANISLAU; BRESSAN, 2014, pág. 423)

Sendo assim, a escola deve ser mais que um local de aprendizado acadêmico e social, também o lócus de interpretação de nossos jovens e as exposições às quais estão inseridos. A grande questão é como fazer isso e como lidar com esses desafios que os mesmos carregam.

Para os professores, a falta de informação gera insegurança e dificulta as formas de lidar com situações cotidianas envolvendo tais transtornos, ou seja, o preparo pedagógico se faz necessário para dentro da sala de aula como continuidade do serviço docente. Defendemos a necessidade de pensar em políticas públicas, ações ou até mesmo cursos próprios para a comunidade escolar de modo geral, pois subentende-se que não é apenas o professor que deve estar preparado para lidar com as urgências de seus alunos, todo um

corpo comunitário pode ajudar em momentos conturbados à Saúde Mental. Além da urgência de atuação de profissionais especializados para atuar em parceria com as unidades escolares.

Desse modo, para combater o preconceito que circunda toda a temática, é sempre importante ter espaços para falar sobre o tema, propor debates, e criar mecanismos para construir formas de convivência que não afastem quem é/se sente, “diferente”. A saúde mental ainda se apresenta em tabus, um deles é o olhar maniqueísta sobre a temática, que fundamentada a doença em uma dualidade básica entre opostos inconciliáveis, ou, o mal do século é romantizado e os indivíduos são postos em um lugar de vulnerabilidade social e mental, ou a pessoa que porta instabilidades em sua saúde mental é vista como louca.

Portanto, é necessário que a escola esteja aberta a relacionar as temáticas que se enquadram como um tabu no currículo escolar, e deve ser de extrema importância relacionar com as diversas disciplinas. Buscar, portanto, as condições para que os professores tenham base e repertório educacional para promover as temáticas e dialogar com a turma, promovendo a empatia como fundamento na comunidade escolar.

Considerações finais

Entende-se como estágio a preparação profissional que o estudante da graduação deve ter para poder exercer seu ofício. Entretanto, mais do que isso, o estágio nos aproxima da realidade em que vamos nos inserir e nos prepara para os desafios propostos pela docência. Ser professor não é uma profissão fácil, muito menos enfadonha ou banal. Nós preparamos um ser em desenvolvimento para fazer parte do corpo social e nosso próprio processo de humanização é a centralidade da educação.

Percebemos a necessidade de um preparo do docente e do corpo escolar a partir de ações e cursos contínuos, pleiteados junto à instituição competente. Inferimos que tal irá permitir um aumento de conhecimentos no domínio do tema, e que a longo prazo, pode ser medida efetiva de enfrentamento da questão.

Esse relato enfatizou, a partir das experiências vivenciadas no estágio curricular, a importância da produção de tempos e espaços para a realização, no cotidiano das escolas, de ações que coloquem as temáticas de bullying e assédio, permeando a saúde mental das pessoas, como pautas centrais. A escola que vem se desenhando historicamente como um local de tantos sofrimentos da juventude diante das vivências de tais práticas, pode ser potencialmente espaço geográfico de acolhimento e transformação social.

Referências

DOS SANTOS, Andréia Mendes; GROSSI, Patricia Krieger; SCHERER, Patricia Teresinha. **Bullying nas escolas: a metodologia dos círculos restaurativos**. Educação, v. 37, n. 2, p. 278-287, 2014.

SALMIVALLI, Christina et al. **Bullying as a group process: participant roles and their relations to social status within the group**. Aggressive Behavior, v. 22, p. 1-15, 1996.

GARCIA, Janaína Mandra. Saúde Mental na Escola: **O que os Educadores Devem Saber**. Psico-USF., v. 21, n. 2, pp. 423-425. 2016 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-82712016210217> Acesso em: 7 dez. 2022

ZEQUINÃO, Marcela Almeida et al. | **Bullying Escolar: um fenômeno multifacetado**. Educação e Pesquisa., v. 42, n. 1, pp. 181-198. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-9702201603138354> Acesso em: 7 dez. 2022.